INCERTEZA NOS INVESTIMENTOS AINDA PREVALECE

Entretanto, no final de 2016 crescia a intenção das empresas de voltar a realizá-los

Ana Maria Castelo e Itaiguara Bezerra*

Depois de chegar a representar quase 21% do PIB brasileiro em 2013, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) iniciou uma trajetória de declínio que mal deve ter atingido 16% em 2016, segundo dados das Contas Nacionais do IBGE.

A forte retração dos investimentos produtivos no país a partir de 2013 contribuiu para o aprofundamento da crise econômica brasileira e foi posteriormente exacerbada pela própria recessão. Segundo o Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas (FGV/Ibre), a FBCF deve recuar 10,6%, em 2016, a segunda maior variação negativa desde 1995 (a primeira, de -13,9%, ocorrida em 2015). O setor da construção, que representa mais da metade dos investimentos produtivos, deverá ter uma retração superior a 5%.

A retração dos investimentos pelo segundo ano consecutivo refletiu o fim do ciclo de crescimento imobiliário, ao qual veio se juntar a incerteza política, combinada à deterioração das contas públicas e aos escândalos levantados pela Operação Lava Jato.

A retomada do crescimento precisa passar pelo aumento do investimento e, especialmente, pelo investimento privado, por meio das Parcerias Público-Privado (PPPs).

Nível de utilização de capacidade da construção em 2016 foi o mais baixo dos últimos quatro anos

Realizada pela FGV/Ibre no último trimestre do ano passado, a Sondagem de Investimento, pesquisa feita nos principais setores da economia, mostrou que ainda há um longo caminho a percorrer para essa retomada. No entanto, a pesquisa indicou uma mudança relevante que representa uma sinalização de inflexão do ciclo de queda dos investimentos: houve crescimento na intenção de investir das empresas comparativamente aos dois trimestres anteriores. O indicador alcançou o maior patamar desde o final de 2015.

O cenário captado junto às empresas está longe de ser otimista, já que o grau de incerteza dos investimentos planejados ainda é bastante elevado. Ou seja, ainda pairam mais dúvidas do que certezas nos planos empresariais. No entanto, vale notar que houve uma diminuição significativa das manifestações de intenção de redução dos investimentos.

A pesquisa mostrou que, entre os setores pesquisados, a construção é a atividade com maior percentual de incerteza em relação à realização dos investimentos: o saldo de respostas – diferença entre a certeza e a não certeza de investir – alcança 51,2 pontos percentuais (p.p.). Ou seja, a pesquisa aponta que mesmo com a melhora gradual do cenário, há poucas empresas com planos considerados definitivos de investimentos.

A maior incerteza dos planos de investimento das empresas da construção decorre diretamente da crise que atinge o setor. Durante o ciclo de crescimento, as empresas investiram na aquisição de bens de capital e no treinamento de mão de obra. Com a retração da atividade observada a partir de 2014, os investimentos deixaram de ser plenamente utilizados. Os níveis de utilização da capacidade (Nuci) do setor refletem este quadro: em abril de 2013, quando a escassez de mão de obra era assinalada por 35% das empresas como sua maior dificuldade nos negócios, o Nuci do setor era de 80,3% e o de mão de obra, de 81,7%. O maior patamar foi atingido em setembro daquele ano, com 84,7%.

Em 2016, o Nuci da construção alcançou o patamar mais baixo da série histórica iniciada em abril de 2013, um quadro observado nos dois principais segmentos: edificações e infraestrutura. Tanto o Nuci de mão de obra quanto o de máquinas e equipamentos registraram declínio expressivos no ano de 2016.

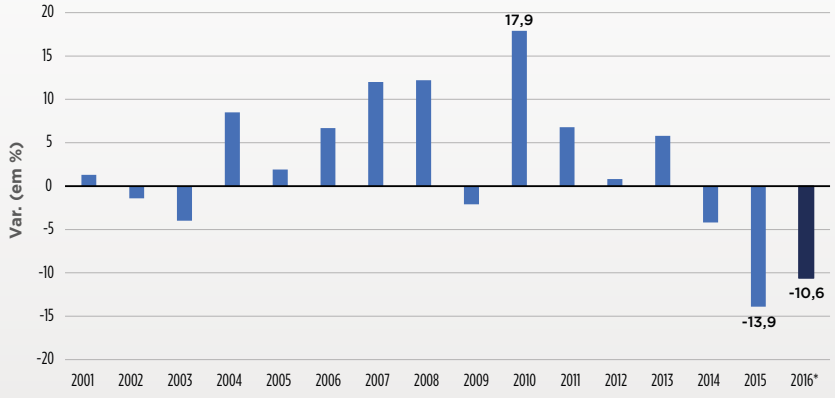
No caso do Nuci da mão de obra, nota-se uma disposição empresarial de manutenção de parte de seus quadros mesmo com o nível de atividade bastante enfraquecido, possivelmente refletindo a tentativa de se manter os trabalhadores mais qualificados.

Desde o segundo trimestre do ano passado, a construção é o setor com o mais baixo indicador de confiança empresarial. Ao longo do ano, houve melhora nas expectativas em todas as atividades, mas as empresas da construção mantiveram-se em patamares bem abaixo dos outros setores da economia, corroborando o mau momento do investimento no país.

A péssima situação do setor também se reflete nas assinalações em relação à contratação de mão de obra para o final de 2017. Esta persistência de desmobilização foi captada na Sondagem de Investimento que mostra um saldo de respostas – intenção de contratar menos demitir – de -25,4 pontos percentuais (p.p.), 21,1 pontos abaixo da Indústria, que obteve um saldo de -2,3 p.p.

Ao longo de 2016, assistiu-se a forte desmobilização do quadro de pessoal das empresas, registrado pelo Caged. A construção, com queda de 14,3% no número de empregos com carteira, foi a segunda atividade que mais demitiu no passado. Embora responda por menos de 8% das ocupações, o setor representou cerca de 27% da desmobilização da mão de obra com carteira do país em 2016.

FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO
(CRES. EM RELAÇÃO AO ANO ANTERIOR)



Fonte: IBGE (*) Projeção FGV/Ibre

Os empresários do setor da construção respondiam pelo mais baixo indicador de confiança do país

As previsões da sondagem apontam a continuidade do ciclo negativo de contratações para 2017.

É importante notar que a Sondagem de Investimentos foi realizada antes do anúncio das recentes medidas que mudaram parâmetros de renda, juros, valor dos imóveis e elevaram o orçamento do Minha Casa, Minha Vida (MCMV). Em dezembro de 2016, as empresas atuantes neste programa estavam mais pessimistas, mostraram um Índice de Confiança ligeiramente inferior, 70,3 pontos, ao do setor, 70,7 pontos. No caso de contratação de mão de obra para os próximos três meses,

TENDÊNCIA NO VOLUME DE INVESTIR (EM %)

	Aumentarão	Ficarão Estáveis	Diminuirão
4T2015	9,9	49,8	40,3
2T2016	7,3	46,7	46,0
4T2016	13,4	51,8	34,8

DECISÃO DE INVESTIMENTOS PRODUTIVOS PARA O ANO SEGUINTE
(SONDAGEM DE INVESTIMENTOS DE OUTUBRO-NOVEMBRO DE 2016, PROPORÇÃO DE RESPOSTAS, EM %)

Setor	Certa	Quase Certa	Incerta
Indústria	23,1	48,4	28,5
Serviços	18,0	39,4	42,6
Comércio	26,1	32,9	41,0
Construção	9,7	29,4	60,9

NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE (EM %)

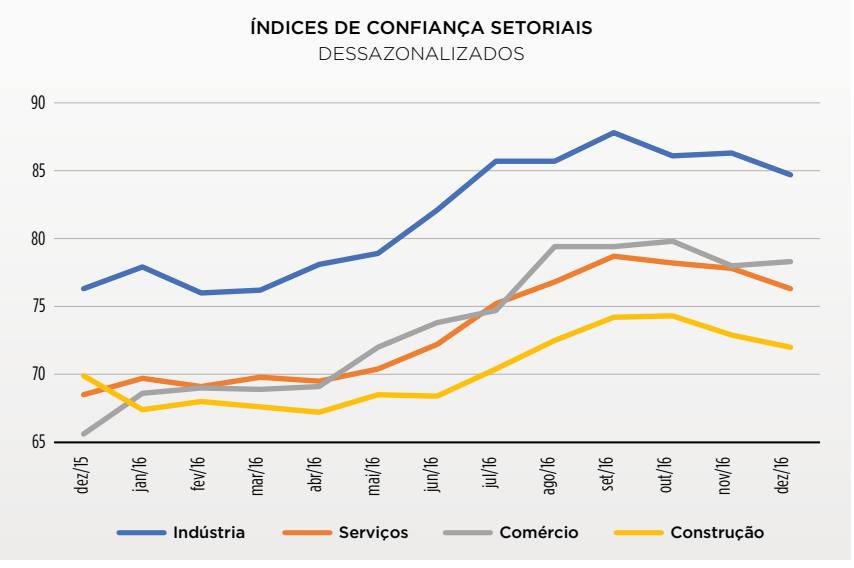
Setor	2015			2016		
	NUCI	NUCI - Mão de Obra	NUCI - Máquinas e Equipamentos	NUCI	NUCI - Mão de Obra	NUCI - Máquinas e Equipamentos
Construção	70,3	72,1	64,7	64,7	66,2	57,2
Edificações	69,6	70,2	63,5	61,4	62,5	54,1
Infraestrutura	70,7	72,6	64,8	65,1	66,7	57,4

a diferença era maior: as empresas atuantes apresentaram um ímpeto de contratação de 65,9 pontos, contra 72,4 pontos do setor.

Na pesquisa de dezembro, apenas 22,5% das empresas indicaram atuar no programa. No entanto, com as medidas, um maior número de empresas pode voltar a atuar no mercado de habitação de interesse social e o início das obras pode melhorar os indicadores setoriais.

No primeiro mês de 2017, as sondagens empresariais da FGV/Ibre mostraram melhora generalizada da confiança empresarial, inclusive na construção.

As expectativas dos empresários da construção continuaram impulsionadas especialmente por uma percepção mais favorável em relação à demanda prevista para os próximos meses. No entanto, houve também aumento do indicador de situação atual. A sondagem de janeiro mostrou um ambiente de negócios menos pessimista a despeito de uma carteira de contratos ainda muito abaixo do normal. Ainda assim, as empresas da construção continuaram apresentando patamares de confiança menores em comparação aos outros setores.



Em janeiro, os indicadores de confiança registraram expressiva melhoria, inclusive na construção

O aumento da confiança setorial mostra-se amparado pela expectativa em relação aos investimentos em infraestrutura e às novas metas do MCMV. De todo modo, a alta taxa de desemprego no país e a queda na renda das famílias devem ainda retardar a melhora do mercado imobiliário e as novas concessões e investimentos em infraestrutura ainda levarão tempo para repercutir na geração de emprego.

O fato de o setor ter uma característica de ciclos mais longos em comparação a outros setores da economia torna sua recuperação mais lenta.

PREVISÕES SOBRE O PESSOAL OCUPADO EM RELAÇÃO AO ANO SEGUINTE (PROPORÇÃO DE EMPRESAS, EM %)

Setor	2016		
	Aumentarão	Diminuirão	Saldo
Indústria	13,2	15,5	-2,3
Serviços	17,6	18,6	-1,0
Comércio	24,1	14,2	9,9
Construção	17,3	42,7	-25,4

* Economistas da FGV/Ibre.